

*América Latina aos olhos de Manoel Bomfim:  
análise da obra “A América Latina: males de origem”\**

PAULA REJANE FERNANDES  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** Os intelectuais entre o final do século XIX e começo do XX perguntavam-se se a América Latina seria capaz de civilizar-se; se a miscigenação teria formado uma população composta por homens e mulheres fisicamente e moralmente degenerados. Nina Rodrigues e Sílvio Romero responderam afirmativamente a essas perguntas enquanto que Manoel José Bomfim pensou e escreveu na contramão dessas respostas, como é possível ler no seu livro “A América Latina: males de origem”, publicado em 1905. Analisaremos essa obra para investigar como Bomfim refuta a representação existente sobre a América Latina ao mesmo tempo em que elabora uma nova por meio de sua escrita.

**Palavras-chave:** Manoel Bomfim; América Latina; Intelectuais.

**Résumé:** Les intellectuels de la fin du XIXe et au début du XXe siècle s'est demandé si l'Amérique latine pourrait se civiliser, si le métissage aurait formé une population composée d'hommes et de femmes physiquement et moralement dégénéré. Nina Rodrigues et Sílvio Romero répondu par l'affirmative à ces questions tandis que Manoel José Bomfim pensé et écrit contre ces réponses, comme vous pouvez le lire dans son livre “L'Amérique latine: l'origine de tous les maux”, publié en 1905. Nous allons examiner ce travail pour étudier comment Bomfim réfute la représentation existante sur l'Amérique latine, tout en travaillant sur une nouvelle à travers votre écriture.

**Mots-clés:** Manoel Bomfim; L'Amérique latine; Les intellectuels.

---

\* Artigo submetido à avaliação em 31 de outubro de 2012 e aprovado para publicação em 01 de abril de 2013.

## Introdução

**E**m 1905, Manoel José Bomfim<sup>1</sup> publicou seu livro “A América Latina: males de origem” pela editora Francisco Alves. Começou a redigi-lo no ano de 1903, quando estagiava no laboratório do psicólogo e pedagogo Alfred Binet, em Paris; concluindo um ano depois, em 1904, na cidade do Rio de Janeiro. A obra reunia questões que o autor vinha pesquisando e investigando de longa data, e inclusive, algumas delas já haviam sido expostas ao público quando escreveu, em 1899, o parecer a respeito da monografia “Compêndio de história da América”, escrita por José Francisco da Rocha Pombo para o concurso criado pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal, que elegeria o melhor compêndio sobre história da América a ser utilizado pela Escola Normal. Bomfim era membro do Conselho e tomou a iniciativa de redigir os pareceres das monografias dos possíveis candidatos uma vez que a história da América era um assunto de seu interesse.

Ao ler o livro “A América Latina: males de origem”, o leitor percebe que o mesmo foi escrito em tom de defesa. Mas em defesa de que? Defesa da América Latina e de seu povo. Povo miscigenado e cuja mistura de raças era nomeada por alguns pensadores da época, a exemplo de Nina Rodrigues e Sílvio Romero, como sendo produtora de uma população degenerada e inferior a dos Estados Unidos e da Europa. Bomfim escreveu para refutar esse pensamento dominante a época de que a América Latina era atrasada devido à miscigenação e de que estava fadada ao fracasso. Sendo assim, ele escreve na contramão do pensamento dominante a época, era uma voz dissonante. E o que havia de dissonante em seu livro? Vamos acompanhar um pouco de perto o livro em questão.

---

<sup>1</sup> Manoel José Bomfim nasceu em 1868 na cidade de Aracaju, província de Sergipe. Era filho do casal José Paulino do Bomfim e Maria Joaquina. Aquele era um ex-vaqueiro tangedor de gado do sertão para o litoral e que se tornou comerciante após o casamento, e ela era uma viúva descendente de portugueses. Bomfim morreu em 1932 no Rio de Janeiro. Ver. AGUIAR, Ronaldo Conde. O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

## **A América Latina: males de origem**

Bomfim inicia o primeiro capítulo do livro afirmando que a Europa tem ideias equivocadas a respeito da América, mais precisamente a respeito da América do Sul. Essa parte do Novo Mundo é vista como um território pitoresco composto por pequenas nações ricas em natureza e constituída por uma população preguiçosa que formavam um obstáculo aos interesses econômicos das potências europeias.

A opinião pública europeia sabe que existe a América Latina... e *sabe* mais: que é um pedaço de continente muito extenso, povoado por gentes espanholas, continente riquíssimo, e cujas populações revoltam-se freqüentemente. Essas coisas, porém, já lhe aparecem num vago mal limitado; riquezas, terras vastas, revoluções e povos, tudo se confunde para formar um mundo lendário, de lendas sem grande encanto porque lhes falta o prestígio da ancianidade (BOMFIM, 2005, p. 41, grifo do autor).

Essa visão preconceituosa, na opinião do autor, era forjada pela ignorância que os sociólogos e publicistas europeus tinham a respeito da América Latina e de sua história. Tal ignorância fora capaz de produzir males que romperam as fronteiras da Europa e vieram afixar-se em terras latino-americanas e entraram na constituição da representação<sup>2</sup> de América. Representação pautada em olhar negativo que a Europa lançava sobre a América Latina e sobre os seus habitantes. Estes, muitas vezes, aceitavam esse olhar como sendo verdadeiro, conformavam-se com a visão negativa e perdiam o desejo de mudar algo.

O olhar depreciativo que a Europa tinha a respeito da América Latina, segundo Bomfim, poderia estimular uma possível invasão. Isso ainda não tinha acontecido até o momento de publicação do livro em 1905 devido

---

<sup>2</sup> O conceito de representação é pensado aqui a partir de Roger Chartier. De acordo com ele, a representação não é uma mimese do real, é uma narrativa construída historicamente, por isso pode ser datada e investigada, pelo grupo e auxilia a produzir coesão entre os participantes dele. Ver: CHARTIER, 2002.

a Doutrina Monroe<sup>3</sup>. A proteção que os Estados Unidos da América prometiam aos demais países do continente americano não significava que aquele olhasse para eles como sendo iguais. “[...] a doutrina de Monroe se lhes afigura, no que se reporta à América do Sul, como uma preocupação platônica, sentimental; eles a mantêm, mais por orgulho nacional, talvez, que por qualquer outro motivo.” (BOMFIM, 2005, p. 48). A Doutrina era uma ameaça à soberania dos demais países americanos uma vez que permitia a outro país o direito de intervir em questões internas de um Estado.

A soberania de um Estado era ameaçada não apenas por meio de uma invasão territorial; via-se em risco também quando a população do país perdia o gosto e amor por sua pátria, passando a aceitar a visão negativa produzida a respeito de si. Para combater a produção de uma representação negativa sobre a pátria, Bomfim recorria a História, pois, acreditava que ela deveria estimular na população o amor e orgulho pela Pátria. Para tanto, não caberia à produção historiográfica exaltar os colonizadores e seus feitos, mas voltar seu olhar sobre o Brasil e sobre a América Latina mostrando que nossa história é marcada por lutas, resistência e não apenas subserviência, que é possível promover mudanças ao invés de ficarmos repetindo as ideias e formas de organizações sociais ensinadas pelos colonizadores, vistos por Bomfim como parasitas e conservadores.<sup>4</sup>

A sua crítica ao tipo de produção historiográfica cujo olhar é voltado para o exterior está presente na obra “A América Latina: males de origem”. De acordo com Rebeca Gontijo<sup>5</sup>, este livro pode ser pensado como uma crítica à historiografia produzida a respeito da América Latina até o momento de publicação dele, no ano de 1905. Crítica, como veremos mais a frente, a ideia de que a América é atrasada devido a miscigenação e que estava fadada ao fracasso.

Como exercício de escrita, Manoel Bomfim inicia sua obra com uma “Advertência”, parte introdutória da obra na qual alerta o leitor sobre possíveis falhas e limitações que existiriam no texto e explicava um pouco a respeito do processo de escrita do mesmo. Sendo assim, explica que a “A

---

<sup>3</sup> A Doutrina Monroe foi criada em 1823 por James Monroe, então presidente dos Estados Unidos da América. Tal doutrina defendia a ideia de que a América não poderia ter sua independência ameaçada pela Europa. E em caso de invasão de algum país europeu, os EUA poderiam intervir em defesa da América.

<sup>4</sup> Para saber mais sobre a forma de Manoel Bomfim pensa a história ver GONTIJO, 2003.

<sup>5</sup> GONTIJO, 2003.

América Latina” é fruto de suas anotações referentes às leituras feitas ao longo de vários anos de pesquisa como médico, psicólogo, educador. Também é fruto da saudade que sente de sua terra e do seu povo.

Este livro deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, pela solicitude de um americano pela América. Começou no momento indeterminado em que nasceram esses sentimentos; exprime um pouco o desejo de ver esta pátria feliz, próspera, adiantada e livre. Foram esses sentimentos que me arrastaram o espírito para refletir sobre essas coisas, e o fizeram trabalhar essas idéias – o desejo vivo de conhecer os motivos dos males de que nos queixamos todos. Desse modo, as notações, as analogias, as observações, as reflexões se acumularam (BOMFIM, 2005, p. 36).

Essa junção deu ao livro o tom de uma escrita apaixonada e entusiasmada para com o seu país e seu povo, e ao mesmo tempo, pesada e áspera para com aqueles que Bomfim nomeava como sendo parasitas depredadores: a Europa, no caso da América Latina, mais especificamente Portugal e Espanha. O seu tom de escrita combativo sugere ao leitor que o intelectual deve possuir uma postura de engajamento social promovendo mudanças no local onde vive. No caso do historiador, a mudança está relacionada ao combate da repetição do passado, pois o presente não deveria cultivar o passado.

A grandeza do homem se exprime pelo esforço constante para compreender melhor as suas necessidades, para conhecer qualquer coisa de novo; continuar, conservar é obra dos mortos; viver é acrescentar alguma coisa ao que existe, eliminar o que já não convém (BOMFIM, 2005, p. 180).

O pretérito só deveria ser visitado para ser interrogado a respeito dos males existentes no presente. E é justamente esse exercício que Bomfim realiza ao escrever “A América Latina: males de origem”.

Como o próprio título da obra nos mostra, os males da América Latina estavam relacionados à sua origem, mais precisamente ao modelo de colonização parasita empregada por parte dos países da Península Ibérica. Ao

explicar os motivos da decadência, a escrita de Bomfim assume um tom marcadamente biológico, percebido facilmente nos diversos exemplos sobre parasitismo e degeneração retirados do mundo animal. Para Bomfim, os animais que eram parasitas com o transcorrer do tempo começavam a ter seus órgãos atrofiados devido ao não uso dos mesmos uma vez que a função fazia o órgão. Essa relação de parasitismo não era exclusiva dos animais, também podia existir nas sociedades humanas. Foi a partir da ideia de parasitismo que o escritor sergipano explicou as origens dos males que afligiam a América Latina.

O tom biológico de sua escrita está relacionado à sua formação em medicina<sup>6</sup> e suas leituras em psicologia. Por isso, em vários momentos do livro o autor faz uso de termos da biologia, psicologia e da medicina. E às vezes traça analogias entre o exercício médico e o do homem das letras. Assim como o médico, que investigava o passado do paciente por meio da anamnese objetivando identificar os motivos da doença, o pesquisador do social deveria estudar e analisar o passado buscando nele as causas dos problemas vivenciados no presente.

É por esta razão que o médico, em face de um doente destes, não deixa de reportar-se ao passado; é o estudo, o conhecimento deste passado que o vai instruir definitivamente, e dizer se o indivíduo pode, ou não, curar-se. A cura depende, em grande parte, da importância desse 'histórico', principalmente quando as condições presentes são relativamente favoráveis, e são tais que a elas o indivíduo se poderia adaptar facilmente, se não tivesse contra si uma herança funesta (BOMFIM, 2005, p. 59).

---

<sup>6</sup> Manoel Bomfim é médico de formação. Começou seus estudos de medicina na Faculdade de Medicina de Salvador – BA, no ano de 1886. Não era o projeto de vida desenhado por seu pai, uma vez que José Paulino Bomfim queria que Manoel ficasse em Aracaju cuidado da fazenda e do patrimônio da família. Mesmo contrariando os sonhos de seu pai foi morar em Salvador. Lá conhece Alcindo Guanabara e estabelece com ele uma forte amizade. E é por meio do convite e estímulo de Guanabara que Bomfim se mudou para o Rio de Janeiro no ano de 1888 onde terminou a faculdade de medicina. Além de sua formação como médico, Bomfim estudava e pesquisava sobre psicologia e pedagogia.

O estudo do passado, para Bomfim, tinha uma função pedagógica, pois oferecia aos homens do presente explicações plausíveis a respeito dos problemas e entraves sociais vivenciados, isto é, o passado permitia entender as causas do nosso atraso social, político e econômico.

Além de investigar o nosso passado, o pesquisador também deveria estudar o passado dos colonizadores da América Latina. Ao estudá-lo, perceberia que eles sofriam dos mesmos males existentes nos países latinos. Males como o atraso e o conservadorismo político. Enquanto os demais países da Europa viviam o Renascimento e estavam mergulhados no culto à razão, a Espanha ainda estava mentalmente vivendo a Inquisição. A fé era a única explicação plausível para os problemas e inquietações que atormentavam o homem espanhol nesse período.

Para Bomfim, o atraso dos espanhóis em relação ao restante da Europa provinha do parasitismo realizado por eles em suas colônias. Deste modo, a Espanha definhou porque virou parasita, pois, este ato levava a sociedade à degeneração. A sociedade espanhola não degenerou depois de chegar a América, já estava degenerada antes mesmo de aqui vir, pois era acostumada a explorar, guerrear e em seguida pilhar o que havia de valor no território invadido. O gosto que os espanhóis tinham pelas riquezas fáceis proporcionadas pelo parasitismo fez com que devorassem as riquezas encontradas nas sociedades incas e astecas. O hábito de tirar proveito de outros povos e sociedades estava impregnado na Espanha de modo que havia uma cadeia de parasitismo na qual o mais explorado era a colônia. De acordo com Manoel Bomfim, os ibéricos predadores, lançaram-se ao mar em busca de riquezas fáceis e de fortuna, e não por motivos metafísicos ou relacionados à fé cristã.

Assim como a Espanha, Portugal também tinha como caráter de conquista a pirataria, o parasitismo e a rapina. E de acordo com o autor de “A América Latina: males de origem”, o parasitismo tornou-se um exercício natural por parte dos portugueses ao ponto de rejeitarem toda forma de trabalho, pois era visto como sendo uma atividade humilhante que não deveria ser executada por homens brancos livres, mas por escravos. Ao homem branco cabia mandar já que todos queriam ser fidalgos. Os portugueses, segundo Bomfim, nutriam o gosto pela ostentação e o cultivo da aparência. Diz isso com base na leitura das obras de Padre Antônio Vieira, de Francisco Manuel e de romances sobre o século XVII. Tais obras, para

ele, eram fontes ricas em vestígios sobre o cotidiano e a vida privada dos portugueses.

O gosto que os portugueses nutriam pela aparência podia ser percebido no uso excessivo de adornos nas vestimentas, na compra de títulos nobiliárquicos para adquirirem nobreza, em alguns casos para reforçar a ideia de pertencimento a nobreza criavam falsas árvores genealógicas nas quais simulavam parentesco com pessoas da nobreza. O cultivo da aparência também estava relacionado à erudição, sendo esta demonstrada por meio da leitura de livros escritos por autores tidos como renomados, falar outro idioma e de preferência o francês. Em grande medida, era uma erudição de fachada. O erudito, de acordo com Bomfim, não criava nada de novo, apenas repetia o que lia nos livros, fazia isso sem ao menos pensar sobre a validade do que lia e de como seria possível empregar o conhecimento adquirido na promoção de melhorias para o Brasil e para a América Latina.<sup>7</sup>

Os povos sul-americanos não possuíam gosto pela observação, logo não produziam uma ciência capaz de explicar e atender as necessidades do lugar. O que eles gostavam era do saber adquirido nos livros, quase sempre produzidos por autores estrangeiros, e buscavam empregar aqui o que liam neles. Para Bomfim, essa postura caracterizava um saber ostentatório. Olhar voltado para fora e não para o estudo dos problemas internos. Até a nossa constituição foi feita imitando as de outros países sem levar em consideração as nossas especificidades, por isso, ela não atendia aos problemas do Brasil. Na América Latina não havia ciência de verdade devido a ausência de observação. Tal ausência não era característica dos povos colonizados, Bomfim também aponta a falta de observação nos estudos científicos produzidos pelos franceses.

Bomfim considerava os estudos franceses como caracterizados pela ausência de rigor científico, uma vez que apresentavam, segundo ele, um reduzido critério de observação e, conseqüentemente (*sic*), uma pouca noção da realidade. Critérios de observação seriam, portanto, necessários para um estudo rigorosamente científico,

---

<sup>7</sup> Bomfim diz isso em 1905, essa não é uma questão apenas do seu tempo, a preceptora alemã Ina von Binzer que esteve no Brasil entre os anos de 1881-1883 também dizia que a erudição brasileira era apenas de aparência, o brasileiro repetia o que a Europa dizia. Ver. BINZER, Ina von. **Os Meus Romanos**: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

sendo que este deveria se basear nos métodos da biologia e, também, no conhecimento psicológico, que o autor considerava capaz de orientar, de modo objetivo, o estudo das subjetividades (GONTIJO, 2003, p. 138).

## **O parasitismo e sua influência na política**

O parasitismo, de acordo com Bomfim, levava o país a ser conservador, pois qualquer tipo de mudança, por menor que fosse, poderia alterar a sua condição de parasita perdendo, assim, as benesses que tinha ao explorar outro povo. Devido a isso, para Bomfim, o pensamento político dos países ibéricos resumia-se a conservar as coisas de modo imutável e garantir a exploração constante, como exemplo dessa postura política, cita o fechamento dos portos das colônias a comercialização com outros países que não fossem as metrópoles.

A colonização parasita realizada pelos países ibéricos causou efeitos na vida econômica, política, intelectual e moral das sociedades formadas na América Latina. Como exemplo, cita os efeitos da relação de parasitismo existente entre senhor e escravo. A relação econômica de exploração entre senhor e escravo não deixava margens para a emergência de outras formas de relação de trabalho e educava socialmente o homem a ser servil e ter desprezo pelo trabalho, vendo nele algo degradante. Além desses efeitos, Bomfim apontava efeitos especiais e dividia os mesmos em três categorias, sendo estas: herança, educação e reação.

Bomfim trabalhava com a ideia de hereditariedade social, pensamento pautado em seus estudos de psicologia. A hereditariedade social era a transmissão por meio de herança das qualidades psicológicas comuns e constantes através das gerações e essa constância distinguia um povo de outro. “na transmissão, por herança, das qualidades psicológicas, comuns e constantes, e que, por serem constantes e comuns através de todas as gerações, dão a cada grupo social um caráter próprio e distinto” (BOMFIM, 2005, p. 172). Mesmo havendo a hereditariedade, ela não é capaz de determinar se um povo será atrasado ou não, pois, a educação é capaz de podar a vida afetiva, ponto que o autor destacava e dava muita atenção em

suas obras. Bomfim defendia a instrução escolar<sup>8</sup> como sendo o meio para o progresso de uma nação. Nesse momento, é possível perceber que o autor realiza dois exercícios, sendo estes, o de aproximação e o de distanciamento com o pensamento vigente a época. Aproxima-se quando leva em consideração a hereditariedade na formação de um povo e afasta-se quando entende que a mesma não é determinante e que pode ser lapidada pela educação.

Ela seria capaz de promover mudanças, no entanto, a sua capacidade era minimizada pelo conservadorismo existente. O medo da mudança e de perder a presa hospedeira, falando na linguagem biológica utilizada pelo autor, fazia com que o parasita evitasse qualquer transformação que pudesse mudar a ordem. Era preciso justamente o contrário, era necessário livrar-se dos vícios do passado e promover alterações no presente.

Segundo Bomfim, a política na América Latina era conservadora porque havíamos aprendido a sermos conservadores com os nossos colonizadores que parasitavam as nossas riquezas. Os organismos parasitários após encontrarem uma presa capaz de oferecer os elementos necessários para a sua sobrevivência tendem a evitar mudanças que alterem a relação de servidão. Essa prática não é restrita aos animais, também é encontrada nas sociedades humanas parasitas, como era o caso da relação existente entre os países da Península Ibérica e a América Latina, esta servindo para suprir as necessidades daqueles. Esse conservadorismo fazia com que as revoluções no Brasil não promovessem mudanças de verdade, muda-se quem está no poder, mas a forma de organizar o Estado permanece a mesma. Sem alterações. Uma vez que o Estado é avesso à mudança. “São revolucionários até a hora exata de fazer a revolução, enquanto a reforma se limita às palavras; no momento da execução, o sentimento conservador os domina e o proceder de

---

<sup>8</sup> “Entre 1898 e 1902, Bomfim atuou no magistério ensinando Moral e Cívica na Escola Normal, onde também foi professor de Pedagogia e Português. Nesta mesma escola, dirigiu o Pedagogium, instituição destinada à pesquisa educacional. Também foi membro do Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal, sendo que, em 1899, assumiu a Diretoria da Instrução Pública, cargo que deixou em 1907. Neste mesmo ano, atuou como deputado federal, particularmente interessado em questões relativas ao ensino público. O cargo na Diretoria de Instrução Pública parece ter sido de suma importância, uma vez que cabia a esta instituição a definição dos conteúdos das disciplinas escolares, através da indicação dos livros didáticos a serem adotados em todas as escolas públicas; a fiscalização da atuação dos professores e a distribuição de recursos financeiros, etc.” (GONTIJO, 2003, p. 135).

amanhã é a contradição formal às idéias.” (BOMFIM, 2005, p. 182). Deste modo, o mal da América Latina era o parasitismo realizado pelos colonizadores e não a miscigenação. Esta não representava um entrave ao nosso desenvolvimento e progresso.

### **O olhar de Manoel Bomfim sobre a miscigenação**

Bomfim procura identificar por meio da observação e da interpretação quais os males que acometem a América Latina de modo a impedir o seu desenvolvimento. Nesse processo de pesquisa e investigação, ele adentra em um assunto polêmico na época de publicação do livro e ao qual a intelectualidade brasileira atribuía a responsabilidade pelo nosso atraso: a miscigenação.

Autores como Nina Rodrigues<sup>9</sup> e Sívio Romero<sup>10</sup> atribuía o atraso brasileiro a mistura de raças aqui existente. Tais autores não eram intelectuais isolados, pelo contrário, estavam em sintonia com a comunidade interpretativa<sup>11</sup> da época que via a América Latina e o Brasil como símbolos do atraso e estando muito distante do progresso existente na Europa, Continente avançado em grande medida por ter uma população branca ao invés de miscigenada.

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz (1993), no século XIX começa-se a estabelecer uma relação íntima entre patrimônio genético e inclinações morais. Isso significava dizer que a herança genética determinaria

---

<sup>9</sup> Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) foi um médico legista, psiquiatra, professor e antropólogo brasileiro. Ele defendia a ideia de que a miscigenação produzia uma raça degenerada fisicamente e com inclinação a cometer crimes.

<sup>10</sup> Sívio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851 – 1914) era formado em Direito pela Faculdade de Direito de Recife. Atuou como crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, professor. Ficou conhecido também pelas polêmicas que travava com autores da época, a exemplo da travada com Manoel Bomfim. Romero escreveu diversos artigos refutando as ideias defendidas por Bomfim em “A América Latina: males de origem”. Tais artigos foram reunidos no livro intitulado “América Latina, análise do livro de igual título do Dr. Manoel Bomfim”, publicado em 1906 pela editora Chardon.

<sup>11</sup> O conceito de comunidade interpretativa pode ser entendido como o compartilhamento, por parte dos membros de um grupo ou de uma sociedade, de referenciais que dão sentido e permitem o entendimento de ideias, formas de viver e ser no mundo. O compartilhamento das ideias aceitas pelo grupo possibilita, em grande medida, o ingresso nele e o reconhecimento pelos pares. Ver: CHARTIER, 2002.

o comportamento moral do indivíduo e diria se ele seria civilizável ou não. A ideia de patrimônio genético estava relacionada ao termo raça que foi introduzido no início do século XIX por Georges Cuvier. Para ele haveria heranças físicas permanentes nos grupos humanos. A ideia de raça contrapõe-se a visão humanista defendida por Jean-Jacques Rousseau que concebia os homens como sendo todos iguais, não havia uma diferença na essência do homem, e todos os homens teriam capacidade de se superarem, de se aperfeiçoarem. Os povos selvagens para Rousseau representavam um nível primitivo no gênero humano, primitivo pensado não no sentido de inferioridade, mas no sentido de ser primeiro da espécie.

Em contraposição ao pensamento humanitário de Rousseau, havia o pensamento de Buffon e De Pauw. O naturalista Buffon, segundo Lilia Schwarcz (1993), introduz a ideia de hierarquia dentro do gênero humano. Sendo assim, primitivo deixava de ser usado no sentido de primeiro, para ser pensado com a conotação de inferioridade. E nessa escala hierárquica, o continente europeu ocupava o grau máximo de civilidade, portanto, era tomado como parâmetro na medição. O jurista Cornelius De Pauw atribuiu novo sentido ao termo degenerado. Chamava de degenerado o povo ou o indivíduo que apresentava um desvio patológico de nascença, sendo este impossível de ser corrigido.

Até então chamavam-se de *degeneradas* espécies consideradas inferiores, porque menos complexas em sua conformação orgânica. A partir desse momento, porém, o termo deixa de se referir a mudanças de forma, passando a descrever 'um desvio patológico do tipo original' (SCHWARCZ, 1993, p. 46).

A ideia de degeneração foi associada principalmente aos indivíduos cujos nascimentos provinham da mistura de raças. O mestiço foi tema de discussão de pensadores como Broca e Gobineau.<sup>12</sup> Para aquele, o mestiço era infértil a exemplo da mula<sup>13</sup>, em contrapartida, este afirmava que o mestiço poderia procriar e seus descendentes herdariam as características

---

<sup>12</sup> Ver SCHWARCZ, 1993.

<sup>13</sup> A mula é um animal híbrido fruto do cruzamento da égua (64 cromossomos) com o jumento (62 cromossomos). Devido ao seu hibridismo é quase sempre estéril, há raros casos de fertilidade.

negativas das raças envolvidas no cruzamento. Sendo assim, para o conde Gobineau, a miscigenação criava raças degeneradas e instáveis que produziam populações desequilibradas. Em seu ensaio publicado em 1855, em Paris, cujo título era *Essai sur l'inégalité des races humaines* (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas), o conde Gobineau cita os mestiços sul-americanos como exemplo de decadência proveniente da mistura entre raças. O progresso e a civilização de um povo estavam associados à brancura do mesmo, pois, somente a raça branca seria capaz de produzir civilização e ciência uma vez que eram dotadas de superioridade física e psíquica.

Anos depois, a América do Sul foi tomada novamente como exemplo, só que dessa vez para refutar a ideia de Gobineau. Em 1861, o naturalista francês Jean Louis Armand de Quatrefages de Breau defendia a ideia de que a mestiçagem existente na América teve resultado positivo gerando uma população ativa como os paulistas brasileiros.<sup>14</sup>

O pensamento do conde Gobineau foi recepcionado pela intelectualidade brasileira. O médico Nina Rodrigues em seu artigo intitulado “Miscigenação, degenerescência e crime”, escrito originalmente em francês e publicado no ano de 1899 nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*<sup>15</sup> defendia a ideia de que o cruzamento entre raças diferentes produzia homens e mulheres degeneradas. Essa ideia não é pautada apenas na leitura de bibliografia sobre teorias raciais. Para argumentá-la, o médico maranhense radicado na Bahia realizou uma pesquisa na cidade de Serrinha – BA. Durante sua pesquisa, Nina Rodrigues observou que a população de Serrinha era marcadamente miscigenada, resultava do cruzamento entre as três raças: branca, negra e índia. Os frutos dessa mistura apresentavam aos olhos de Nina Rodrigues diversas patologias, fossem elas do tipo físico ou psíquico, produzindo assim, indivíduos fracos, perturbados emocionalmente, preguiçosos, dados aos mais diversos tipos de vícios.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Ver RODRIGUES, 2008.

<sup>15</sup> Ver RODRIGUES, 2008.

<sup>16</sup> “*Observação VI*. Arm..., 28 anos, mestiça de índio apresentando sinais bem marcantes da raça vermelha, verdadeiro tipo indígena. Mulher estéril, casada duas vezes. Bem situada, quase sem ocupação. Desde sua mais tenra infância teve acidentes histéricos graves, e mais tarde numerosos acessos de grande histeria que por vezes lhe causam contraturas rebeldes, às vezes estados delirantes prolongados; mesmo em estado de vigília, ela é constantemente atormentada por ilusões sensoriais e alucinações visuais e auditivas; manifestações dermatópáticas notáveis. Forte tara hereditária.” (RODRIGUES, 2008, p. 1157) (grifos do autor)

*Observação VI.* Arm..., 28 anos, mestiça de índio apresentando sinais bem marcantes da raça vermelha, verdadeiro tipo indígena. Mulher estéril, casada duas vezes. Bem situada, quase sem ocupação. Desde sua mais tenra infância teve acidentes histéricos graves, e mais tarde numerosos acessos de grande histeria que por vezes lhe causam contraturas rebeldes, às vezes estados delirantes prolongados; mesmo em estado de vigília, ela é constantemente atormentada por ilusões sensoriais e alucinações visuais e auditivas; manifestações dermopáticas notáveis. Forte tara hereditária (RODRIGUES, 2008, p. 1157, grifos do autor).

Além disso, eram indivíduos que não sabiam controlar suas emoções, a exemplo da raiva, tendo muitas vezes acessos de cólera e comportamentos agressivos. Por isso, Nina Rodrigues dizia que o mestiço possuía predisposição a cometer crimes, e quase sempre, crimes bárbaros e sem motivo aparente, movidos unicamente pela emoção.

Felipe [mestiço escuro, mostrando igualmente as características do negro e do indígena bem acentuadas] é magro e alto, mede um metro e 72 de altura e um metro e 76 de envergadura. É ainda vigoroso, apesar de ter cerca de sessenta anos, e não apresenta anomalias nem estigmas dignos de chamar a atenção. Alegre, ele conversa e brinca por iniciativa própria e ri de si mesmo. Sua conduta na cadeia, onde está desde 1889, é exemplar: é um prisioneiro moderado, obediente, trabalhador.

Quando o interrogo sobre as causas de seu crime [matou Isabelle a golpes de facada], ele me responde que não estava bêbado e que não sabe como pôde fazer tal coisa. O ciúme tinha se apoderado dele há algum tempo; ele queria castigar a vítima, com quem vivia maritalmente, e que o enganava [...] (RODRIGUES, 2008, p. 1173).

Ainda segundo Nina Rodrigues, o cruzamento entre raças sempre produziria pessoas degeneradas, mesmo que a medida que fosse ocorrendo a mistura houvesse o aumento na quantidade de percentual de brancura, por

exemplo, um homem mulato (filho das raças branca e negra) que viesse a ter filhos com uma mulher branca, por mais que os filhos tivesse o tom de pele claro, geraria crianças degeneradas.<sup>17</sup>

Ao contrário de Nina Rodrigues, Sílvio Romero compartilhava da ideia de que a miscigenação poderia ser benéfica para a formação de uma população saudável, para tanto, seria preciso que a mistura entre as raças fosse controlada, ou seja, um indivíduo miscigenado deveria ter filho com um indivíduo branco, pois assim, o resultado dessa mistura seria mais branco. Esse processo contínuo levaria ao branqueamento da população brasileira e em alguns anos não haveria mais a marca da raça negra e índia já que estas, segundo Romero, eram fenotipicamente inferiores à branca.<sup>18</sup> Outro requisito para a miscigenação dá certo seria adotar medidas eugênicas<sup>19</sup> de modo a proibir que pessoas degeneradas pudessem ter filhos, impedi-las de ter filhos significava evitar a formação de uma população degenerada, portanto, incapaz de civilizar-se e atingir o progresso. Esse seu pensamento a respeito da miscigenação fazia com que tivesse um olhar positivo a respeito da imigração, pois a entrada de pessoas brancas no Brasil representaria uma possibilidade de correção dos males deixados na população pelas raças inferiores.

No sentido contrário do pensamento de Nina Rodrigues e Sílvio Romero que entendem a miscigenação como a causa do atraso existente no Brasil, Manoel Bomfim argumenta que a miscigenação não foi negativa, na verdade, para ele, os negros e índios por serem povos simples não possuíam nem virtude e nem defeito que pudesse deixar de herança para outro povo. Ao invés de influenciarem algo, eles é que foram influenciados pelos espanhóis e portugueses que vieram colonizar a América do Sul.

Há duas razões para que esta influência [dos índios e negros] não fosse muito sensível. Em primeiro lugar, os

---

<sup>17</sup> “Observação XXIX. Italiano, casado com uma senhora mestiça quase branca, cinco filhos. O mais velho é idiota, epilético; a segunda, muito bonita, histérica, com muitas fobias. Duas crianças pequenas com uma assimetria facial notável; outro, taciturno.” (RODRIGUES, 2008, p. 1165, grifos do autor).

<sup>18</sup> Ver SOUZA, 2004.

<sup>19</sup> "O termo 'eugenia' - *eu*: boa; *genus*: geração - foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. Galton, na época conhecido por seu trabalho como naturalista e como geógrafo especializado em estatística, escreveu seu primeiro ensaio na área da hereditariedade humana em 1865, após ter lido *A origem das espécies*" (SCHWARZ, 1993, p. 60).

indígenas e negros, sendo povos ainda muito atrasados, não possuíam nem qualidades, nem defeitos, nem virtudes, que se impusessem aos outros e provocassem a imitação. Almas rudimentares, naturezas quase virgens, eram eles que, nesse encontro e entrecruzamento de raças, sofriam a influência dos mais cultos, e os imitavam. Estes povos primitivos se distinguem, justamente, por um conjunto de qualidades negativas – inconstância de caráter, leviandade, imprevidência, indiferença pelo passado etc., à proporção que progrediam, a civilização irá enchendo estes quadros vazios. Vem daí a sua grande adaptabilidade a qualquer condição de vida [...]. Por isso, misturadas a outros povos, a influência que exercem estas raças é uma influência antes *renovadora* que *diretriz*. Expliquemos essa metafísica: são gentes infantis, que não possuem irredutíveis qualidades de caráter, e resistem menos ao influxo de idéias novas que as populações cultas, sobre as quais pesam tradições históricas especiais e uma civilização determinada (BOMFIM, 2005, p. 261, grifos do autor).

Essa sua visão fez com que ao invés de aceitar a teoria sobre a superioridade racial, começasse a questioná-la e afirmasse que a mesma foi produzida para atender interesses políticos e justificar a dominação dos europeus sobre outros povos. A superioridade seria muito mais uma questão política do que genética.<sup>20</sup> Para tanto se pergunta como os anglo-saxões são vistos como superiores no começo do século XX, se séculos atrás os superiores eram a Espanha e Portugal, países que foram os primeiros a começar as grandes navegações e fazer fortuna explorando a América Latina.

Bomfim questionava a ideia de que a mestiçagem geraria uma população inferior e degenerada na América Latina. Segundo ele, esse

---

<sup>20</sup> “E, daí, a conclusão *lógica* de que os mais perfeitos e nobres devem governar os outros. Chegada a esta descoberta, a sociologia dos egoísmos combinados não parou; a violência dos apetites obscureceu todas as noções de justiça, e os tais sociólogos proclamaram sem reboços o emprego da força bruta como a suprema sabedoria – o despotismo e a opressão como a condição natural da espécie humana. Levada à prática, a teoria deu o seguinte resultado: vão os ‘superiores’ aos países onde existem esses ‘povos inferiores’, organizam-lhes a vida conforme as suas tradições – deles superiores [...]” (BOMFIM, 2005, p. 270, grifos do autor).

argumento não era pautado em observação, era apenas formulado com base em analogias entre a mestiçagem no homem e o cruzamento realizado entre espécies de animais diferentes. E a essa mistura, vista como negativa, atribuiu-se os insucessos políticos e econômicos das repúblicas latinas. Esse insucesso tinha outra explicação, era proveniente da exploração e do parasitismo que Espanha e Portugal realizaram na América Latina durante séculos, criando aqui uma sociedade marcada por uma política conservadora, cuja população tinha aversão ao trabalho, e nutria um forte gosto pelo cultivo do ócio e das aparências. Para que a América Latina pudesse crescer seria preciso educar a população, pois para Bomfim, por meio da educação seria possível livrar um país dos males de sua formação, mas essa mudança não seria rápida, levaria tempo para acontecer.

### **Considerações finais**

Deste modo, o pedagogo e médico sergipano produziu por meio de sua escrita uma representação para a América Latina e para o Brasil que destoava da representação dominante na época de publicação do seu livro “A América Latina: males de origem”, no ano de 1905. E possivelmente, por ser um pensamento destoante, não foi bem recepcionado. Podemos dizer que sua recepção em grande medida foi feita por meio da crítica combativa de Silvio Romero que via no trabalho de Bomfim apenas um amontoado de ideias não fundamentadas. Silvio Romero e Manoel Bomfim são homens de seu tempo, por isso devem ser pensados como inseridos em um lugar social, histórico e conceitual. Sendo assim, Bomfim escreveu em um período no qual as indagações mais levantadas pelos intelectuais da época eram a respeito de que povo representaria o Brasil e a América Latina e qual o futuro possível para esse povo.

Bomfim não fugiu dessas perguntas, apresentou a cada uma delas respostas diferentes das produzidas pela intelectualidade do período. Não pensava a ideia de povo associada à de raça, como pensava Nina Rodrigues, isso possibilitou que rompesse com o temor, existente entre o final do século XIX e começo do século XX, de que a miscigenação produziria uma população degenerada e incapaz de ser civilizada, por isso, emocionalmente instável e destinada a cometer crimes.

O médico sergipano defendia que os males da América Latina advinham da colonização parasitária empregada pela Espanha e por Portugal e poderiam ser corrigidos por meio da educação. A instrução escolar ajudaria a constituir um povo livre de males como o mandonismo, o conservadorismo político, o cultivo da aparência e o desprezo pelo trabalho. E dentro de alguns anos, a América Latina seria reconhecida, de acordo com Bomfim, não mais por seus males e infortúnios, mas, pelo seu sucesso e por suas riquezas. Como vemos, Manoel Bomfim é um convite a pensar a América Latina a partir de outros referenciais teóricos, e mais do que isso, é um convite à esperança.

## Referências

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2000.
- BECHELLI, Ricardo Sequeira. *Nacionalismos anti-racistas: Manoel Bomfim e Manuel Gonzalez Prada. (Brasil e Perú na passagem para o século XX)*. São Paulo: LCTE Editora, 2009.
- BINZER, Ina von. *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Difel, 2002.
- \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.
- GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, p. 129-154, 2003.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino de história da África no Mundo Atlântico (1990-2005)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Tese de doutorado em História.
- REIS, José Carlos. Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática. In:

*As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-231.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, dez. 2008.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero. *Revista de História Regional*, 9(1): 9: 30, 2004.